

Fluxos Migratórios que Provém dos Manguezais Amazônicos: Coggerando Mapas Bioculturais e Afetivos a Partir do Uso do Espaço dos Maretórios

Comunicação Oral

Enzo de J. Ferreira^{1,2,3,4}, Indira A. L. Eyzaguirre^{2,3,4,5,6}, Allan Yu Iwama^{2,3,5,6,7}, Esley L. de Sousa^{2,3,4}, Diego M. dos Santos^{2,3,4}, Nicolas F. F. de Sousa^{2,3,4}, Yago de J. Martins^{2,3} e Marcus E. B. Fernandes^{2,3,4,5}

Palavras-chave: maretório, manguezal, ciência cidadã, mudança de uso de território, sociobiodiversidade

Os manguezais amazônicos, localizados nos estados do Amapá, Pará e Maranhão, formam a maior faixa contínua de manguezais do mundo e são vitais para várias comunidades estuarino-costeiras. Estas comunidades muitas vezes se deslocam sem perceber que são afetadas pelo racismo ambiental, passando por processos de des-territorialização, re-territorialização e territorialização (TDR). O território é a apropriação e uso do espaço para atender às necessidades de um grupo social, incluindo a utilização da sociobiodiversidade como recurso comum. A pesquisa em questão visa entender a construção da territorialidade nos manguezais da Amazônia Legal, focando em fluxos migratórios, uso comum da sociobiodiversidade e mudanças na dinâmica territorial das comunidades dentro das Reservas Extrativistas Marinhas (RESEX Mar). O estudo está sendo conduzido na comunidade Quatipuru-Mirim Praia, parte da RESEX Mar de Tracuateua no nordeste paraense, com uma abordagem qualiquantitativa. Uma parte crucial da pesquisa é a aplicação do protocolo “De olho na imigração” do Observatório do Mangue, que emprega a ciência cidadã. Este protocolo envolve pesquisadores juniores da própria comunidade, que contribuem com suas perspectivas e narrativas, ajudando a coletar dados que combinam conhecimento tradicional e científico. A etn-cartografia também será utilizada para criar um mapa biocultural da

¹ Instituto Federal do Pará (IFPA), enzogeoferreira@gmail.com

² Observatório do Mangue e seus Maretórios, enzogeoferreira@gmail.com; indira.eyza@gmail.com; allan.iwama@gmail.com; esleysousa019@gmail.com; diegomirandam882@gmail.com; nicolasfelipee18@gmail.com; yagodejmartins@gmail.com

³ Rede Marangatu, enzogeoferreira@gmail.com; indira.eyza@gmail.com; allan.iwama@gmail.com; esleysousa019@gmail.com; diegomirandam882@gmail.com; nicolasfelipee18@gmail.com; yagodejmartins@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Pará (UFPA), enzogeoferreira@gmail.com; indira.eyza@gmail.com; esleysousa019@gmail.com; diegomirandam882@gmail.com; nicolasfelipee18@gmail.com

⁵ Instituto Sarambuí, indira.eyza@gmail.com; allan.iwama@gmail.com

⁶ Resiliencia Inovadora, indira.eyza@gmail.com; allan.iwama@gmail.com

⁷ Universidade de São Paulo (USP), allan.iwama@gmail.com

comunidade, baseado no conhecimento local transmitido entre gerações. Os relatos dos pescadores indicam que a principal causa dos fluxos migratórios é a perda de território devido à erosão. As metodologias participativas e a ciência cidadã permitem uma compreensão mais profunda dos fluxos migratórios e do sentimento de pertencimento da comunidade, revelando como o uso do espaço é moldado por fatores externos e internos.

Aspectos éticos: O projeto Observatório do Manguê e seus Maresórios: Ciência cidadã e dados abertos para efetivar a governança ambiental do manguezal que possui a permissão do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade do ICMBio (No de processo 84398-1).

Agradecimentos: Ao projeto Observatório do Manguê e seus Maresórios (No de processo 409667/2022- 6) gratidão pela oportunidade de realizar esta pesquisa junto aos Pesquisadores do Manguê das comunidades estuarinas-costeiras. E ao projeto Rede Marangatu: Rede de Ciência Cidadã para Governança Territorial e Promoção de Políticas de Preservação e Valorização da Sociobiodiversidade Costeira Marinha (No de processo 441149/2023-5) bolsa de iniciação científica (No processo 118197/2024-0) que possibilitou a realização desta pesquisa. E a pesquisadora junior da comunidade Quatipuru Mirim.